JANEIRO MDCCCXCV

VOZ DE S. ANTONIO

Revista mensal illustrada

Abençoada por S. S. o Papa Leão XIII, pelo Ex.mo Ordinario e varios Prelados.

N.º 4 * ABRIL * 1899

5.º ANNO 1895 1899 SÉRIE 3.ª

ARCHIDIŒCESIS BRACARENSIS HISPANIARUM PRIMATIS

J. J. Moreira, des.

CHRONICA LIGEIRA

SUMMARIO: *A resposta do «Jornal de Caminha». — Coisas dos nossos academicos. — Boa resposta do Commandante do «Adamastor» á maç.·. de Pernambuco. — Outra resposta digna, a proposito de duellos. — Uma nota... comica.*

Afinal de contas, o *Jornal de Caminha* sempre respondeu.

Tal qual eu esperava: quasi tres columnas de prosa balôfa, nas quaes não diz palavra ácerca da questão de que se trata, abundando em compensação, provas em barda de erudição... sagrada e profana...

Diz que a linguagem da minha despretenciosa *Chronica Ligeira* não é do Grande Thaumaturgo (longe de mim tão altas pretensões); que na confecção d'ella cooperou o Genio do Mal, de sobrancelhas faiscantes, etc.; que o meu espirito fraco «não soube resistir ás seducções satanicas do Anjo expulso, que emergindo das aguas do Acheronte, n'um pincho diabolico, cahiu sobre a mystica Bracara, — a primaz das Hespanhas no consumo da cêra, do incenso e da agua benta.»

Depois adduz muitos textos da Escriptura (o original com a competente traducção e breves considerações, á guisa de homilia); tudo a provar que é vã a minha religião, pois não refreio a lingua; porquanto fui maldizente, detractor, calumniador, endemoninhado, e que, como a tal se me devem fazer os exorcismos.

E mais não disse (e não disse pouco...)

Ora a minha treplica será breve. Em primeiro logar o *Chronista da Voz* não calumniou nem disse mal de ninguem: limitou-se, no desempenho da sua escabrosa missão, a fazer-se echo de uns *boatos* que por lá corriam, em Caminha, relativamente ás segundas intenções do snr. Romeu, quando tão rudemente atacava as Irmãs Hospitaleiras; mas, pela sua parte (ingenuo!) esforçou-se por salvar a rectidão de taes intenções e até, referindo-se á pessoa do snr. Romeu e de mais alguem, fallou com certo eufemismo e meias palavras, que, longe de provocar a bilis do snr. Romeu, deveriam ao contrario penhoral-o pela attenção usada com elle. Tanto mais que fôram aquellas palavras transcriptas d'um outro jornal, onde, creio eu, não provocaram nenhum protesto aos escribas do *Jornal de Caminha*.

Mas, dado mesmo que eu dissesse a verdade toda, bem clara como todos a conhecem em Caminha e fóra d'ella, nem isso seria motivo de agastamento para o exorcista do *Jornal*. Ninguem deve envergonhar-se de que lhe chamem aquillo que elle não tem vergonha de ser...

Quanto á maledicencia, ponha a carapuça, e enterre-a bem ate ás orelhas. A ninguem quadra melhor a doutrina citada do que aos atrevidos que ousam pretender conspurcar pessoas de bem, calumniando e diffamando uma congregação benemerita, como é a das Irmãs Hospitaleiras, ás quaes tanto deve Portugal, e cujo crime não é outro senão o de trabalharem na obscuridade, com uma dedicação nunca desmentida, pelo bem de seu proximo.

Em outro numero do *Jornal* continúa o snr. Romeu a sua ingloria campanha de maledicencia (tenha paciencia, mas o termo veio de lá...)—campanha de maledicencia e calumnia contra as Irmãs Hospitaleiras. D'esta vez ainda assim, as sandices nem são tantas nem tão gôrdas. Affirma, por exemplo, que está provado que as Irmãs Hospitaleiras «não téem idoneidade docente para o cargo de professoras».

— Ora está provado por quem? Como e quando? Um modo muito curioso de provar, este adoptado pelo snr. Romeu, ou quem, por elle, escreve no *Jornal de Caminha*...

E accrescenta: «Estamos intimamente convencido de que as irmãs franciscanas que se encontram actualmente no Asylo Silva Torres, não resistiriam, não diremos já a um simples interrogatorio sobre pedagogia moral, mas a um benevolo exame de instrucção primaria elementar».

Estranha perspicacia a d'este luminoso talento do snr. Romeu, que até o fez convencer, assim *a priori*, de que as Irmãs não estão habilitadas a fazer exame de instrucção primaria! Ha de ser por isso que, segundo affirma a *Gazeta de Caminha*, da escola que o snr. Romeu tem em casa, sob a direcção de sua propria esposa, desertaram as alumnas «quasi na sua totalidade» para frequentarem um Collegio dirigido por Irmãs Hospitaleiras. E deve ser essa tambem a razão por que «os mesmos amigos do Romeu não consentem que as suas filhas sejam educadas pela esposa de um amigo seu, e preferem estar a pagar para que sejam educadas por umas religiosas» *que «não téem idoneidade docente para o cargo de professoras»*.

Ou será antes esta uma outra razão das arremetidas do snr. Romeu ás indefesas Irmãs Hospitaleiras?...

Quer-me parecer...

Vae ahi lucta accêsa e renhida entre os nossos academicos. Motivo: o justo protesto do clero, e de toda a gente sensata, que exige um curso official de religião nos estabelecimentos superiores de instrucção, superintendidos pelo Estado.

Acudiram alguns academicos *anonymos* (!) do Porto, publicando um manifesto contra o ensino religioso. Adheriram alguns academicos de Lisboa, por meio de um pifio telegramma, enviado em nome de toda a Academia de Lisboa; a estes, porém, estaloulhes a castanha na bocca, porquanto uma grande parte dos academicos fez logo espalhar um eloquente contra-protesto, desassombradamente assignado por quem se não envergonha de assumir a responsabilidade dos proprios actos.

Aqui archivo o protesto dos briosos academicos de Lisboa, que bem o merece

AO PUBLICO

Os abaixo assignados, estudantes dos Cursos Superiores e do Lyceu da capital, tendo lido no *Seculo* de hoje um telegramma de adhesão em nome da Academia de Lisboa, vêm declarar em publico: que não adherem ao manifesto que, em nome da Academia do Porto, alguns estudantes d'aquella cidade elaboraram e espalharam pelo paiz.

Não adherem, antes protestam pela fraqueza indecorosa em jovens de fazerem recahir sobre a entidade «Academia» as responsabilidades que cada um nominalmente e desassombradamente devia assumir, se é nobre e levantada a causa que defende.

Acham os abaixo assignados muito justo e, depois que lêram o manifesto, acham mesmo indispensavel que se estabeleça um curso de Religião consoante existe nos paizes estrangeiros, mesmo protestantes, d'onde foi importado o programma d'Instrucção que vigora, mas que infelizmente foi *expurgado* d'esse estudo ao entrar em fronteira portugueza, a qual breve será fronteira de Marrocos se vingam as idéas dos manifestantes.

5.º ANNO — N.º 4 | 3.ª SERIE | ABRIL — 1899

VOZ DE S. ANTONIO

Redacção e Administração: Collegio de S. Boaventura — Braga

Papelaria e Typographia Universal
DE AUGUSTO COSTA & PEREIRA

Editor
DOMINGOS JOSÉ DE SOUZA GOMES

SUMMARIO

A Democracia christã.
I Parte — SECÇÃO DOUTRINAL: O grande pensamento de LEÃO XIII. — Capella de N. Senhora dos Anjos. — Santo Protector para o mez de maio. — Virtude a imitar. — Absolvição geral. — Indulgencias a lucrar.
II Parte — SECÇÃO HISTORICA: Florinhas de S. Francisco. — Pensamentos. — Anecdotas.
III Parte — LEITURAS AMENAS: A ultima condecoração. — O Rosal de Jesus.
IV Parte — CULTO DE S. ANTONIO: Novos Membros da Pia União. — Um appêllo aos amigos de S. Antonio. — Braga. — Lisboa. — Setubal. — Guimarães. — Vizeu. — Cezimbra. — Villar (Cadaval). — Vinhaes. — Açôres. — Brazil. — Guaratinguetá. — Bahia. — Os cofres do Pão dos Pobres de Santo Antonio. — Recommendações especiaes. — Os nossos defunctos.
V Parte — SECÇÃO SCIENTIFICO-LITTERARIA: O Homem. — Mater Dolorosa *(poeziaj.* — Bibliographia. — As nossas illustrações.
VI Parte — ECHO DAS MISSÕES. — CHRONICA UNIVERSAL.
Gravuras: Resurrexit: non est hic! — Flôres para a Virgem. — O primeiro sermão de Santo Antonio. — Deixae vir a mim os pequeninos.

A DEMOCRACIA CHRISTÃ

SOBRE este thema tem-se fallado e discutido muito nos ultimos annos, sem nunca se chegar a um accôrdo perfeito. Antes continuam sendo profundas as dissensões que, mesmo no campo catholico, dividem as opiniões, inutilisando a acção e boa vontade de muitos homens que poderiam ser bem prestaveis á causa catholica.

E é singular que, dos dois campos contendores, — pró e contra a *democracia christã*, — se invoque a auctoridade suprema de LEÃO XIII!

Mas, em questão de principios, e tratando-se apenas de precisar e definir o programma social d'esta escola, ou partido, já hoje não póde haver duvidas, poisque LEÃO XIII, na famosa allocução aos peregrinos francezes, em 8 de outubro de 1898, claramente definiu as condições e requisitos que deverá ter a democracia para merecer o qualificativo de christã. Por onde não ha aqui discussão possivel, cahindo pela base as utopias d'aquelles que pretenderam organisar a democracia christã em partido, não politico ou *religioso*, mas exclusivamente *social*.

Estes, para a organisação do partido democráta christão, prescindiam da idéa de religião e de christianismo, sonhando um partido christão composto de *não christãos*, e no qual podessem filiar-se os membros de todas as seitas e confissões.

Absurdo e contradicção manifesta.

Posta, portanto, de parte esta ques-

tão, hoje resolvida em termos bem claros e inilludiveis, e levando a discussão para o terreno pratico, que necessidade, ou mesmo, que utilidade haverá em organisar as forças catholicas sob o estandarte da *Democracia christã?*

A questão é de alguma importancia e actualidade, poisque tambem entre nós se começa a fallar de partido democráta christão. Que necessidade haverá de organisar um tal partido?

Diremos desde já, franca e sinceramente, a nossa opinião: não nos agrada a idéa.

E já diremos porquê.

Em primeiro logar, a palavra *democracia* não tem sentido real senão em materia politica, e significa rigorosamente *o poder do povo*. Coisa que nada tem que vêr com a christianisação e regeneração social das massas populares, mesmo quando, para effeitual-a, se aproveite, como agente principal, o elemento popular.

Nem mesmo deve attribuir-se uma tal designação a essa igualdade sublime de todos os homens, cuja noção brotou do Evangelho; — igualdade que, aliás, não concede aos fieis direito nem poder algum doutrinal, dogmatico ou jurisdiccional, nem mesmo interferencia alguma na eleição de seus Pastores, (1) visto que o governo da Egreja é monarchico.

A que proposito vem então fallar de democracia, ou de *partido democratico,* no seio de uma sociedade essencialmente monarchica?

Se quizessemos considerar tal *democracia christã* como partido politico, ainda se comprehende a sua existencia nos paizes em que vigóra a fórma de governo republicano, como em França, onde nasceu a idéa. Ahi mesmo, porém, o fim a que devem tender os esforços dos reformadores e sociologos christãos, é converter ao christianismo a democracia, ou as massas democraticas, privadas da influencia salutar da religião pelo liberalismo atheu e revolucionario. E', em breves palavras, tornar christãos todos os democrátas não tornar democrátas todos os christãos. O contrario será inverter os termos e converter os meios em fins.

A democracia, no caso, é uma circumstancia meramente accidental, que pouco ou nada tem que vêr com a acção a desenvolver pelos catholicos. A democracia deve, n'esses paizes, ser christã pela mesma razão que o devem ser, n'outros estados, a monarchia, a aristocracia ou a oligarchia.

Mas fallar em democracia, pretender organisar um partido democratico nos paizes que se regem por instituições monarchicas, ou ha de significar, fatalmente, a pretensão de implantar ahi a fórma de governo democratico, ou então não ha coherencia entre a divisa adoptada e as theorias professadas.

Prescindamos, no emtanto, da inconveniencia e impropriedade do nome, e remontemo-nos a razões de mais subido alcance.

O *Osservatore Romano*, que, como se sabe, é orgão officioso do Vaticano, tem insistido muito sobre o assumpto. Ha pouco publicou elle um notabilissimo artigo, que causou profunda im-

(1) De feito: PIO VI condemnou uma proposição formulada pelo synodo de Pistoia, na qual se affirmava que «Deus concedeu o poder á Egreja para d'ella se communicar aos Pastores, que são ministros seus na salvação das almas»; proposição que, «entendida como querendo significar que da communidade dos fieis deriva para os Pastores o poder do ministerio e jurisdicção ecclesiastica, foi declarada *heretica*».

pressão, não só em Italia, mas ainda em outros paizes onde se debate a questão da *Democracia christã*.

Vou transcrever alguns dos argumentos que o auctorisado orgão catholico adduz em justificação de seu modo de vêr, absolutamente consentaneo ao nosso, n'esta questão.

Em primeiro logar, diz elle, é mistér confessar que nem os mesmos democrátas poderão, tão facilmente como desejariam, fazer comprehender a necessidade, as conveniencias ou as vantagens que resultam, ou poderão vir a resultar, aos interesses religiosos e sociaes da época presente, de manter, pôr em acção, organisar esses democratas christãos.

E' até, em certo modo um acto de presumpção e temeridade, poisque, em ultima analyse, tão acintosa porfia leva implicita a declaração de que é falso o trilho até hoje seguido pela caridade catholica, pelo apostolado da Egreja, á qual se pretende intimar a reforma do seu catechismo para o accommodar ao movimento democratico, ensinando-lhe ao mesmo tempo como deve modificar a sua acção, os seus processos de christianisação e reforma social.

Além de que, os democrátas christãos não poderão nunca formar um partido especial, poisque o simples bom senso corta de vez a questão com o seguinte dilemma, ao qual não ha fugir: Ou esses democrátas christãos são taes como os quer o Papa, e então não ha necessidade alguma de separal-os do corpo completo e compacto dos catholicos; ou divergem, por levemente que seja, dos catholicos que estão com o Papa, e então, pelo menos de facto, se não nas intenções, separam-se do corpo dos catholicos unidos ao Papa.

RESURREXIT : NON EST HIC!

Effectivamente: nota-se que, quando intentam precisar e fazer comprehender bem o que são os democrátas christãos, e o que é o partido democráta christão, que elles formam ou deveriam formar, as idéas se lhes baralham e confundem, externisando-se em phrases ora obscuras, ora equivocas, ora contradictorias; por fórma que, mesmo no sentir de seus chefes

mais auctorisados, não ha, em ultima analyse, mais que simples questão de palavras.

D'ahi as taes utopias dos que pretendem que o partido democráta christão deva prescindir de toda a idéa religiosa, limitando-se a um partido meramente *social*, uma coisa *incolor* e indefinida; o que, como já acima notamos, implica a pretensão impossivel e absurda de christianisar o povo com elementos não christãos; ou, em termos mais precisos, obter um effeito superior á causa que o produz.

E é assim, com taes paralogismos, com tal confusão de idéas e de palavras, que se fraccionam as forças catholicas, e que se retrahem os catholicos d'uma acção fecunda e commum, para os lançar no terreno esteril de vãs subtilezas, de jogos de palavras, de contradicções manifestas!

Não tinhamos nós razão de dizer, conclue o *Osservatore*, que da confusão das palavras se passa á confusão das idéas, e que, na *furia* de empregar termos improprios, se chega a desconhecer os principios fundamentaes da fé, da razão, da logica e do bom senso?

Deixemos, pois, á Egreja o seu codigo que, por dezenove seculos, mil vezes tem salvado a sociedade, nas suas mais profundas convulsões, nas crises mais desesperadas. Não desconfiemos da sua efficacia nos desventurados tempos que vão correndo.

Trabalhemos, pela nossa parte, fieis á direcção luminosa do Grande Leão XIII, e, em vez de pretendermos organisar a *Democracia christã*, esforcemo-nos antes por aproveitar bem os recursos inexhauriveis da *caridade christã*.

E' o sufficiente.

SECÇÃO DOUTRINAL

O grande pensamento de Leão XIII

E' incontestavel que o Soberano Pontifice tem ardentemente desejado, que a Ordem Terceira se torne tão numerosa como as estrellas do céo e como as areias do mar. Não ha talvez, na historia da Egreja um facto similhante. Depois de ter posto a grande obra de S. Francisco em harmonia com as necessidades da época actual, Leão XIII já quatro vezes levantou a voz, convidando todos os fieis a alistar-se sob o estandarte da Penitencia seraphica. Lembro-me ainda da admiração que manifestavam os homens mais importantes por occasião do primeiro d'estes appêlos d'um Papa — como elles diziam — o maior politico do seu tempo. Elle, o grande Papa, occupar-se com tanta solicitude d'uma coisa que parecia tão pequena aos seus olhos!

Ora, era precisamente um dos maiores pensamentos, uma das idéas mais fecundas d'este grande Papa, o que lhes parecia tão pequeno. E, se em logar de manifestar uma admiração pouco respeitosa, tivessem obedecido, Deus e a sua consciencia não os reprehenderia de ter contribuido, por sua parte, para mallograr os projectos do grande Pontifice.

Effectivamente, que desejava elle convidando, tão instantemente, todos os christãos a agrupar-se junto da bandeira da Ordem Terceira? E porque tornava, ao mesmo tempo que chamava a todos, facil quanto possivel a entrada na Ordem Terceira?

Queria, simplesmente, dar á Santa Sé o ponto d'apoio que lhe é necessario, cá em baixo, para dirigir, segundo as disposições divinas, a marcha da humanidade para a perfeição e para a salvação.

Sempre, na verdade, até aos nossos infelizes tempos, o Papa encontrára, nos governos christãos, este ponto de apoio, em a obediencia dos chefes das nações. Mas, depois, tudo isto acabou. Os reis e os imperadores deviam collocar sobre a sua coroa, em logar da Cruz, o triangulo maçonico,

que os presidentes de Republica levam em seus funeraes. A auctoridade do Vigario de Jesus Christo, maltratam-na mediante rivalidades mesquinhas, quando não a perseguem de facto.

Segundo a ordem da Providencia, que confia, aos pobres e aos pequenos, os logares honrosos que abandonam os grandes da terra, a propagação da fé entre os infieis, a conservação dos bons costumes entre os christãos, etc., tornam-se o objecto da solicitude dos pobres, á medida que os governos desdenham occupar-se d'ellas.

Leão XIII queria confiar á Ordem Terceira franciscana, depois de tornada o laço de união de todos os fervorosos christãos do mundo inteiro, a honra de ser o ponto de apoio, com cujo auxilio o papado continuaria a despertar e conduzir o mundo para Deus.

A opinião publica, esta rainha do mundo, como a denominava Pascal, é mais poderosa que os governos. Supponde que o pensamento de Leão XIII era comprehendido, haveria hoje mais de cincoenta milhões de catholicos, fazendo profissão d'uma submissão especial para com a Santa Sé. Que força para o Summo Pontifice, e, com os meios de que dispõe o mundo moderno, que acção sobre o resto da humanidade!

Desde que o protestantismo dividiu a christandade em nações inimigas, desde que a túnica inconsutil de Jesus Christo foi assim despedaçada, nunca o Papa teve um ponto de apoio comparavel ao que Leão XIII tentava crear fóra e acima das divisões e mesquinharias humanas.

Que infelicidade não ter sido comprehendido este pensamento de verdadeiro progresso e de paz christã! Não ha a fazer sobre este ponto um exame de consciencia e um *mea culpa?*

Mas, dir-se-á, téem-se salvado muitos sem a Ordem Terceira... Não digo o contrario. Mas que quer isso dizer? Que não é necessario nem util ser Terceiro?

Verdade é que póde salvar-se sem mesmo nunca se ter ouvido fallar na Ordem Terceira. Este instituto não é indispensavel á salvação. Se assim não fôsse teria Deus privado d'elle a Egreja durante mais de doze seculos? Se fôsse essencial teria feito o Evangelho mensão d'elle.

Mas, é tambem certo que nenhum se salva sem praticar o que se exige para ser um bom Terceiro. E' Leão XIII que nol-o ensina: «A Ordem Terceira faz verdadeiros christãos... Quando um começa a ser Terceiro, começa por isso mesmo a ser christão, salvar-se-á». Porque a Ordem Terceira consiste: «em attrair os homens ao amor de Jesus Christo, ao amor para com a Egreja, á pratica das virtudes christãs. Os Terceiros devem fazer reviver n'elles o *espirito eminentemente evangelico* do humilde pobre de Assis, quer mediante a mortificação, da qual a Ordem Terceira deriva o seu nome de Penitencia, quer mediante o exercicio da oração que é a sua vida, quer emfim mediante o amor de Deus e do proximo que é a sua perfeição.

O seu fim é preservar a sociedade civil da corrupção do mundo pela *santificação das acções mais communs e mais ordinarias da vida* regulando-as segundo o *verdadeiro espirito de Jesus Christo*». Não ha pois n'ella prescripções particulares, praticas extraordinarias, incapazes de conciliar-se com as occupações e com a vida das pessoas do mundo. Ao contrario. A Ordem Terceira propõe-se santificar o mundo mediante a santificação das acções mais communs, e mais ordinarias da vida.

Assim, o proprio Pontifice, que faz consistir a sua gloria em marchar á testa dos Terceiros, continúa por estas palavras bem dignas da nossa attenção: «A regra não prescreve senão o que é mandado pelas santas leis de Deus do Evangelho e da Egreja; prohibe sómente o que ellas prohibem».

Se ainda se quizer sustentar que a Ordem Terceira não é necessaria, bastar-nos-á dizer que passarão o céo e a terra, nunca, porém, estas palavras de Jesus Christo: «Asseguro-vos que mais facilmente desapparecerão o céo e a terra, do que uma letra ou uma virgula da lei; tudo se ha de cumprir».

Ora, evitar o mal, fazer o bem, exercêl-o com todas as forças, eis, em resumo toda a lei de Deus, do Evangelho e da Egreja. Evitar as occasiões más, fazer por toda a parte e sempre guerra ao mal; acolher com ardor todas as occasiões de fazer bem, exercêl-o quanto possivel, ser seu defensor, eis o espirito da Ordem Terceira. N'isto se resumem as suas prescripções e as suas prohibições.

As mesmas praticas *não essenciaes* á Ordem Terceira, que parecem não estar com

prehendidas na lei de Deus, são extremamente uteis, necessarias até, ou inteiramente ou só em parte, a quem pretender observar essa Lei. O officio, o exame de consciencia, as visitas dos superiores, a assistencia ás reuniões e todas as outras prescripções, são meios tão efficazes como faceis para a observancia dos preceitos essenciaes. Estes meios tão altamente recommendados pela Egreja, téem ainda a vantagem de garantir a perseverança, pondo-nos a coberto da negligencia e da nossa propria inconstancia. E' com este fim que desejamos incorporar e agrupar os terceiros em Fraternidades.

Sendo assim, não querer entrar na Ordem Terceira, fôra inepcia, crueldade até comsigo mesmo. E se a Ordem Terceira tem ainda por meta espalhar a vida religiosa pelo mundo, fôra tambem privar-se dos méritos da vida religiosa — o maior acto de obediencia e de religião que existe.

Note-se pois isto muito bem. Deus poderia punir, diminuindo ou retirando as suas graças, esta orgulhosa temeridade — inconsciente talvez até certo ponto, mas bem real. — O Papa diz: «Quereria que todos os fieis entrassem na Ordem Terceira». Quem ficará surdo a este appêlo? E' mistér não esquecer que Jesus Christo disse ao Papa na pessoa de S. Pedro: «Quem vos ouve me ouve, quem vos despreza despreza-me».

Mais. Para cumprir a lei de Jesus Christo é preciso soffrer-m'o-nos uns aos outros; é preciso trabalhar pela salvação do proximo, pois que a lei da salvação consiste, em provar a Deus que o amamos pela dedicação para com o proximo. Ora, circumstancias particulares dos tempos e das pessoas podem fazer da *Organisação da Ordem Terceira* a condição indispensavel da salvação dos individuos e das sociedades em um momento dado.

Tal parece ser o nosso estado actual no dizer de um célebre jesuita, o Padre Orlando: «Cessou esta instituição de ser opportuna e admiravel em o nosso tempo? Longe d'isso; por quanto a firmeza na fé, a dedicação pela Egreja e pelo Papa que S. Francisco lhe deu por fundamento, a caridade fraterna, a fuga das occasiões perigosas, o amor de Jesus Christo e da sua Cruz; a penitencia, a frequencia dos sacramentos, visitar os enfermos, dar esmola aos pobres, os suffragios pelos defunctos, coisas estas todas prescriptas por S. Francisco, que são de todos os seculos e de todo o mundo. Ella é mais opportuna hoje que, atacada a fé e corrompidos os costumes, se sente mais vivamente a necessidade da união dos homens de boa vontade para lutar contra a impiedade triumphante».

O Papa diz o mesmo: «Estou convencido que pela diffusão da Ordem Terceira e do espirito franciscano salvaremos o mundo; na Idade média os povos estavam desviados e perdidos, a Ordem Terceira reconduziu-os para Deus; assim, em o nosso seculo, a Ordem Terceira approximará de Deus a sociedade que anda tão distante d'Elle. O Papa nunca se esquece, falla assim em todas as occasiões: «Foi, affirma elle, *uma inspiração celeste e energica*, que, apenas elevado ao summo pontificado, nos impeliu, a invocar S. Francisco como protector das miserias e das desgraças da época actual, e a mostrar que, na Ordem Terceira, se achava o remedio que devia curar e salvar a sociedade».

Bastaria, dizia S. Boaventura, que um só homem se houvesse de condemnar para me fazer tremer toda a vida, pensando que podia ser eu.

Contentar-se com o estrictamente necessario é quasi renunciar ao bom exito de qualquer empresa. Em rigor, póde-se viver com pão e agua, com menos talvez; mas, onde está o homem, que, podendo viver melhor, se contenta com um tal regimen?

Crêde-me: deixae os que se julgam mais habeis do que a Egreja, tratar de salvar-se sem a Ordem Terceira; pelo que vos toca lembrae-vos que a prudencia é a mãe da segurança; e, em negocio tão grave como este não deis a ninguem o direito de vos applicar a palavra evangelica: «Os filhos do seculo são mais prudentes em suas empresas que os filhos da luz nas suas».

Melhor ainda: Crêde na palavra de Deus que nos transmitte, por seu Vigario visivel, esta solemne declaração: «Nenhuma obra Nos póde ser mais agradavel que a da propagação da milicia sagrada da Ordem Terceira, que, marchando sobre os passos d'um tal guia e mestre, dá grandes remedios aos males do seculo, e promette ao mundo os mais insignes beneficios, tanto particulares quanto publicos».

Capella de N. Senhora dos Anjos

CENTRO DA ORDEM TERCEIRA NO PORTO

Bom exemplo a seguir

O Director da nossa «Revista de Santo Antonio» declara que lhe fôram offerecidos cincoenta e cinco mil reis (55$000 rs.) para auxiliar a construcção da casa de residencia destinada ao clero da Capella de Nossa Senhora dos Anjos. Esta residencia deverá ser construida junto da mesma capella.

A proveniencia da dita esmola é a seguinte: um cavalheiro do Porto offerece, por sua intenção, 20$000; por intenção de sua mulher, 20$000; por intenção de sua filha, 10$000.

São todos tres membros da Ordem Terceira estabelecida na Capella de N. Senhora dos Anjos.

Mais duas anonymas offereceram cinco mil reis (5$000).

Santo Protector para o mez de maio

S. Bernardino de Sena, da 1.ª Ordem. — E' um dos mais gloriosos filhos de S. Francisco. Com suas virtudes e grande saber, conquistou para si immortal renome nas paginas da historia franciscana, e illustrou de intensos esplendores os gloriosos annaes da Egreja.

Foi um acerrimo propugnador do Culto do SS. Nome de Jesus e trabalhou incançavel para que este se dilatasse não só por toda a Italia, mas tambem pelo mundo todo. Como missionario apostolico, era de um zêlo e ardôr a toda a prova. Tambem muito ardente a sua devoção a Maria, nem uma só vez subiu ao pulpito que alli não fallasse das glorias e grandezas da Mãe de Deus.

Virtude a imitar

O amor e devoção a Maria. — Como demonstração affectuosa d'este amor, não deixar passar dia sem lhe prestarmos algum obsequio do nosso amor filial: a reza do terço, corôa seraphica ou rozario, as *Avé Marias* pela manhã, ao meio dia e á noite, a oração *Lembrae-vos*, de S. Bernardo, com 3 *Avé Marias*, etc.

Absolvição geral

Nos dias 11, Ascensão do Senhor; 21 Festa do Espirito Santo; e 28 Domingo da SS. Trindade.

Indulgencias a lucrar

Plenarias:

1 — No dia de S. Pedro Regalado, da 1.ª Ordem.

2 — No dia 17: S. Paschoal Bailão, da 1.ª Ordem.

3 — No dia 20: S. Bernardino de Sena, da 1.ª Ordem.

4 — Desde o dia 20 *inclusive* até ao dia 27 tambem *inclusive* indulgencia plenaria da Bulla, uma em cada dia applicavel ás almas do purgatorio.

Parciaes:

1 — Em cada dia do mez, 300 dias de indulgencia e 207 qnarentenas.

2 — Nos dias 5, 12, 19, 26, cem dias de indulgencia.

3 — Nos dias 6, 7, 13, 14, 20, 21, 27 e 28, 198 annos e outras tantas quarentenas.

Para lucrar estas indulgencias requer-se a visita d'uma egreja franciscana ou d'outra qualquer ordem mendicante e rezar ahi tres *Padre Nossos*, tres *Avé Marias*, e tres *Gloria Patri*, em honra da SS. Trindade.

Podem lucrar-se no dia 11, Ascenção de Nosso Senhor, mais 102 annos e outras tantas quarentenas.

No dia 18, S. Felix, franciscano, podem todos os fieis lucrar mais 256 annos e 50 quarentenas, visitando uma egreja franciscana, etc., como acima fica notado.

No domingo do Espirito Santo podem lucrar-se mais 148 annos e 120 quarentenas; e quem contricto e confessado visitar uma egreja franciscana ou d'outra ordem mendicante e ahi rezar tres *Padre Nossos*, tres *Avé Marias* e tres *Gloria Patri*, em honra da SS. Trindade, podem ganhar indulgencia plenaria desde o sabbado de tarde até ao pôr do sol do dito domingo do Espirito Santo.

Outra indulgencia plenaria se póde ganhar no dia 28, domingo da SS. Trindade cumprindo as mesmas condições; e além d'estas, mais 219 annos e outras tantas quarentenas.

Além de todas estas indulgencias podem os Irmãos Terceiros lucrar mais as seguintes indulgencias: Uma indulgencia plenaria em qualquer dia do mez, á sua escolha; outra no dia da reunião mensal nas condições ordinarias: outra plenaria na hora da morte, invocando o *SS. Nome de Jesus* com a bocca, e não podendo assim, invocando-o só mentalmente; mais uma vez nos dias acima notados em que se dá a absolvição geral; egual indulgencia ganha quem rezar cinco *Padre Nossos*, *Avé Marias* e *Gloria Patri* pela liberdade da Egreja; finalmente tantas indulgencias plenarias, quantas as vezes que rezarem a *Estação do SS. Sacramento*, isto é, seis *Padre Nossos*, seis *Avé Marias* e seis *Gloria Patri* com todas as mais indulgencias de Roma, Logares Santos, Assis e Compostella.

As indulgencias que são concedidas sob condição de que se visite uma egreja franciscana, podem lucrar-se, onde não houver taes egrejas, visitando a egreja onde está a respectiva fraternidade ou na falta d'ella, a egreja parochial.

Por ultimo, conheçam os Irmãos Terceiros que todas estas indulgencias, e bem assim qualquer obra meritoria, podem ser applicadas pelas almas do purgatorio. Aconselha-se pois, que não omittam um tão heroico acto de caridade em favor de almas tão queridas de Deus.

SECÇÃO HISTORICA

FLORINHAS DE S. FRANCISCO

CAPITULO IX

Como S. Francisco ensinava Fr. Leão a responder-lhe, não podendo este dizer senão o contrario do que S. Francisco queria.

Uma vez, no alvorecer da Ordem, estando S. Francisco com Fr. Leão em um logar onde não tinham livros para recitar o officio divino, quando chegou a hora de matinas disse para seu companheiro:

«Carissimo, não temos por onde recitar matinas; mas, para que este tempo nos corra em louvores divinos, eu irei recitando, e tu respondendo como te indicar; e vê não alteres as palavras que te ensinar. Eu começarei assim: «O' Fr. Francisco, fizeste tantas maldades e peccados taes no mundo que és digno do inferno». E tu Fr. Leão responderás: «E' bem verdade que mereces profundissimo inferno»!

— Prestes para tudo, Padre! começa em nome de Deus — acudiu Fr. Leão com simplicidade de pomba.

Então S. Francisco deu em dizer:

— O' Fr. Francisco fizeste tantas maldades e peccados que és digno do inferno!

— Por ti fará Deus tantos bens que conquistarás o Paraizo — volveu Fr. Leão.

— Não assim, não assim — retorquiu S. Francisco — mas quando eu disser: «Fr. Francisco, tens commettido iniquidades tamanhas contra Deus que attrahes suas maldições»; tu responderás d'este modo: «Verdadeiramente és digno de ser arremessado no meio dos condemnados».

— De boa vontade, Padre — volveu Fr. Leão.

Então S. Francisco com muitas lagrimas e suspiros, e batendo no peito, disse em alta voz:

— Senhor do céo e da terra, eu tenho commettido contra Vós tantas iniquidades e peccados, que sou digno de ser por Vós amaldiçoado!

— Fr. Francisco, tornou Fr. Leão; Deus te fará tal que entre os bemaventurados fruirás bençãos singulares.

E aqui S. Francisco entrado de admiração por Fr. Leão responder ao invez do que lhe havia imposto, reprehendeu-o, dizendo:

— Porque não respondes como te indico? Por santa obediencia te mando que respondas como te ensinar. Direi assim: «Malvado Fr. Francisco, pensas acaso que Deus haverá misericordia de ti, tendo tu commettido tantos peccados contra o Pae da misericordia e Deus de toda a consolação»? E tu, Fr. Leão, ovelhinha de Deus, responderás:

«De modo algum és digno de achar misericordia».

Mas depois, ao dizer S. Francisco «pensas tu, malvado, que Deus haverá de ti misericordia», atalhou-o Fr. Leão, respondendo:

— Deus Pae, cuja misericordia é infinitamente mais que o numero de teus peccados, andará comtigo com tamanha piedade que te cumulará de muitas graças.

S. Francisco, dôcemente irado e pacientemente turbado d'esta resposta, disse para Fr. Leão:

— Qual a razão porque tomaste a extranha afouteza de ir de encontro á obediencia, respondendo já por tantas vezes o contrario do que te hei ordenado?

— Deus bem sabe — respondeu humilde e reverentemente Fr. Leão — que de todas as vezes tenho assentado em meu coração responder como me tens determinado; mas Deus me faz fallar como lhe apraz, e não segundo meu proposito.

D'isto grandemente se admirou S. Francisco, dizendo Fr. Leão em seguida:

— Agora farei por te responder á medida de teu desejo; repete em nome de Deus.

E S. Francisco debulhado em lagrimas disse:

O' Fr. Francisco Mofino, ainda pensas que Deus usará comtigo de misericordia?

— Ainda receberás de Deus graças especiaes — respondeu Fr. Leão — exaltar-te-á e te glorificará, porque quem se humilha será exaltado: e não posso dizer outra coisa; porque Deus falla por minha bocca.

E assim n'estas humildes e santas contestações levaram o tempo até romper o dia, com muitas lagrimas e consolações espirituaes.

CAPITULO X

Como Fr. Maceu gracejando, disse a S. Francisco que o mundo inteiro lhe ia no encalço: e elle respondeu que era isto para confusão do mundo e graça de Deus.

Estando uma vez S. Francisco no logar da Porziuncula com Fr. Maceu de Marignano, varão de grande santidade, discrição e graça no fallar de Deus, o que lhe valia da parte do Santo Patriarcha especialissima affeição; occorreu áquelle, quando S. Francisco vinha da oração que soia fazer na matta, provar até onde chegava sua humildade. Sahiu-lhe ao encontro, e zombando disse-lhe:

— Porque depós ti? porque depós ti? porque depós ti?

— O que é que pretendes fazer? acudiu S. Francisco.

— Digo, porque é que depós ti se vae toda a gente, e todos parece que estão mortinhos de vêr-te, ouvir-te e obedecer-te? Tu (diga-se a verdade) não és nenhuma belleza de homem, a sciencia não luz lá grande coisa, nobre não és; d'onde, pois, a razão que leva tanta gente atraz de ti?

Ouvindo isto S. Francisco, todo radiante d'espiritual alegria, ergueu o rosto ao céo, e por muito tempo esteve com a mente concentrada em Deus; depois, tornando a si ajoelhou, e rendeu graças e louvores a Deus.

Em seguida, voltando a Fr. Maceu em grande fervor d'espirito disse:

— Queres saber porque depós mim? queres saber porque depós mim? queres saber porque depós mim vem toda a gente! Isto o tenho eu d'um olhar do Altissimo que em todo o logar contempla bons e maus. Aquelles olhos santissimos não viram entre os peccadores nenhum mais vil, nem mais insufficiente, nem mais peccador do que eu; e, como para a obra maravilhosa que intenta fazer, não achou mais desprezivel creatura sobre a terra, por isso me escolheu, para confundir a nobreza e a grandeza, a força, a belleza e a sabedoria do mundo; afim de que todos conheçam que toda a virtude e todo o bem d'Elle são, e não da creatura, e ninguem se possa gloriar em sua presença; mas quem se gloriar, glorie-se no Senhor, de quem é toda a honra e gloria para eterno.

Por tão humilde resposta, arrancada d'alma com tanto fervor, conheceu Fr. Maceu que S. Francisco estava fundado em humildade.

(Continúa).

Pensamentos

Morrer para o mundo e seus deleites é viver para Deus; os que d'este modo morrem antes da morte, principiam a viver quando morrem.

SANTA ROSA DE VITERBO.

Uma palavra sensata deve ser bem recebida, mesmo quando vinda de um papagaio.

PROV. SANSKRITO.

Pensa muito, falla pouco, escreve menos.

PROV. FRANCEZ.

ANECDOTAS

N'um banquete.

Questionavam dois individuos, que se tinham na conta de grandes litteratos, como se devia dizer ao creado: «Dá me *de* beber, ou dá-me *que* beber».

Uma senhora, que se achava tambem á meza, cortou a questão dizendo:

— «Julgo que nenhum de vós acerta, porque homens assim, como devem dizer é: *Levae-me a beber*.

Historico.

Certo lavrador occupava-se a enxertar uma figueira, quando por alli passou um pastor protestante, que sabedor da sua terna devoção á Virgem começou logo em declamações contra o culto de Maria.

Cançado já de ouvir o inepto arrazoado do pastor, interrompeu-o bruscamente o lavrador, dizendo:

— O' snr. pastor, gosta de figos?

— Deixa-me fallar, respondeu o pastor.

— Gosta ou não de figos, instou o nosso homem?

— Certamente que gosto.

— Pois bem, snr. pastor, quando uma pessoa gosta de figos, não deve dizer mal da figueira. Quando se ama o filho não se deve rebaixar nem desprezar a mãe.

Em casa d'um dentista.

— O snr. sempre me pôz ha dias uma tal dentadura...

— Sim, snr. lembro-me d'isso perfeitamente.

— Pois bem; venho dizer-lhe que esses dentes me occasionam dôres horriveis.

— Estimo isso; é uma prova de que ficaram tão bem, que se portam como se fôssem naturaes.

Leituras amenas

A ULTIMA CONDECORAÇÃO

Ahi pelos principios do inverno de 1877 dois estrangeiros batiam á porta do antigo castello de Fouquerolles entre Dreux e Nogent-le-Roy. Vinham fazer a ultima visita ao senhor da casa, o coronel Chandres, ancião bem passante dos oitenta. Um dos visitantes era o commandante Coulomb, o outro o capitão de Lormay. Este, joven ainda, havia sido educado pelo coronel; o primeiro, que contava os seus quarenta, recordava que em seus primeiros feitos de armas o coronel Chandres era seu unico apoio, seu mentor, seu amigo.

Sumido no amplo palacio, que herdara de seus antepassados, o ancião deitava de vez em quando um olhar doloroso para a luz que brilhava na sala, onde jazia. Reinava lá o mais profundo silencio.

Quasi occulta pelas cortinas da janella, uma Irmã da Caridade velava o velho soldado. De vez em quando a boa religiosa levava ao doente algum caldo; e voltava depois no maior silencio, para o logar costumado. Apenas se ouvia a intervalos o ruido produzido pela tesoura cortando algum pedaço de panno. A irmã, no tempo que lhe restava, occupava-se a fazer alguns fatos para meninos pobres, pois que o inverno aquelle anno se annunciava mais rigoroso que nos anteriores, e, era já sabido, ao presbyterio e ao castello é que os miseros recorriam a procurar algum allivio para sua nudez.

Quando o porteiro annunciou a chegada do commandante Coulomb e do capitão de Lormay, o veterano fez um movimento para levantar-se, mas faltaram-lhe as forças. Seu rosto se illuminou, e um relampago de contentamento brilhou em seu pallido rosto.

Os dois visitantes entraram, tendo o maximo cuidado de não fazer o menor ruido. Suas physionomias expressavam esse temor vago, essa especie de respeito, que se experimenta junto de um ancião moribundo.

— Vinde, meus amigos, lhes disse o coronel, vós me restituís a saude; acercae-vos mais.

Ao pronunciar estas palavras o ancião abriu seus braços, e duas lagrimas lhe deslisaram pelas faces já tão pallidas.

A Irmã levantou-se.

— Deixae-vos estar, Irmã, — lhe disse o enfermo, — estes são soldados tambem; estamos em familia.

A Irmã não era joven, mas as fadigas, mais que a idade, haviam encurvado seu debil corpo. Seu semblante respirava a resignação, e brilhava n'elle como um resplendor de alegria, como uma esperança vaga, que só ella sabia entrever.

Tres soldados que volvem a vêr-se após longo tempo, fallam de guerras, batalhas, assaltos, e sobretudo dos gloriosos soffrimentos de outr'ora.

No segundo dia continuou a conversação sobre o mesmo assumpto. Mas d'esta vez assistiu a ella o Cura da freguezia, mui conhecido sobretudo por sua muita caridade, por seu caracter energico e recto, como tambem por sua bondade e talento. Todos os seus parochianos haviam recebido d'elle o Baptismo e a primeira Communhão, pois que era da mesma idade do coronel, e seu velho amigo. Pastor d'aquella mesma parochia havia mais de meio seculo, não tinha podido apagar do espirito do veterano a imagem de Voltaire; porém, apezar de seu scepticismo o ancião respeitava o bom do Cura, e professava por elle uma veneração sincera e cordeal.

Durante aquella manhã, os raios do sol illuminavam o aposento do enfermo, a quem regozijava esta luz com mais brilho e intensidade, que é costume no inverno. Sentia-se mais fórte, e seu espirito havia recuperado todo o seu vigor. A conversa, mais animada que nunca, dava saltos rapidos de Moscow a Lisboa, de Flandres ao reino de Napoles.

De tão bom humor o coronel disse para a Irmã, sempre silenciosa:

— Tudo isto vos causa surpreza, minha querida Irmã, e sem duvida comparaes nossas existencias cheias de trabalhos com vossa vida pacifica: abrigada pelos muros do claustro, ignoraes as fadigas d'este mundo, e nunca escutastes o grito dos moribundos nos campos da batalha.

O Cura interrompeu as palavras do coronel, e voltando-se para a Irmã de Caridade, proferiu estas palavras:

— Minha filha, ha já tres noites que estás velando: vae tomar algumas horas de repouso.

A Irmã retirou-se.

Succedeu-se então um silencio quasi solemne, O Cura tinha os olhos fitos n'uma parede, em que estavam pendentes sabres, espadas, pistolas e condecorações. Logo disse com affabilidade:

— Ahi tendes uma boa recordação de vossas campanhas, sem duvida gloriosas, meu bom amigo. Orgulhae-vos por isso, senhores, se vos apraz, mas humilhae-vos sabendo que esta pobre Irmã de Caridade, tão humilde, tão timida, tão simples, tem feito mais gloriosas campanhas que vós todos juntos. Ah! meus amigos, estaes satisfeitos pelo sangue derramado por vossas mãos: sabei que esta Irmã tem salvo mais sangue, do que vós tendes derramado. Tem visto a morte bem mais perto que vós outros no campo da batalha. As vossas mortes na refréga são rapidas, brilhantes, e embellecidas pelo uniforme, embriagadas com o cheiro da polvora. As mortes, que ella tem presenceiado, são horriveis, pallidas, descarnadas. Vós tendes visto caír generaes ao fio de vossas espadas; ella assistia durante esse tempo á agonia de um empestado, respirando a custo um ar contagioso. Vós tendes atravessado a Europa, ella tem atravessado o mundo; tendes semeado a morte; ella devolvido a vida; tendes conquistado graus, honras, uma celebridade mais ou menos brilhante; ella é desconhecida ainda no lar onde permanece caminhando sempre na obscuridade, sem produzir um só echo. Eu saúdo vossas campanhas, porém saudae tambem as campanhas da

Egreja, de que essa mulher é simples soldado, e mais nada.

O Cura deixou de fallar.

Que pensamentos passariam então por aquellas almas guerreiras ?

O silencio durou largo tempo. Quem primeiro o quebrou foi o coronel, que disse algumas palavras ao capitão de Lormay. Este approximando-se das armas, pegou d'uma espada, e entregou-a ao veterano. Dos copos pendiam duas fitas encarnadas, duas condecorações : a Cruz de S. Luiz, e a de Cavalleiro da Legião d'Honra. O velho soldado segurava com mão tremula a sua espada, acariciando com um prolongado olhar o que chamava as suas reliquias.

O seu fim era chegado e o Cura de balde procurava fallar-lhe em particular. O velho soldado não respondia senão por signaes difficeis de interpretar.

O sacerdote chegando-se á Irmã da Caridade que de novo voltava ao pé do enfermo, disse-lhe ao ouvido :

— Fallae-lhe em confissão, que a morte avisinha-se.

A irmã acercou-se do leito do enfermo, que ainda contemplava a espada e as condecorações.

— Está muito bem, — lhe disse brandamente com um sorriso divino ; — essas são vossas campanhas. Dae-me que colloque as minhas junto das vossas.

FLORES PARA A VIRGEM

Ao mesmo tempo a Irmã collocava um crucifixo sobre a espada.

O pobre soldado fitou a pobre Irmã, e viu seus olhos reçumando lagrimas. Com mão firme tomou o crucifixo juntamente com a espada e condecorações. Estas balancearam-se um momento sob a cruz de ébano com o crucifixo de marfim.

O rosto do moribundo parecia animar-se. Com um gesto fez comprehender que queria estar só com o Cura.

Uma hora depois os creados e os visinhos estavam de joelhos no aposento do velho coronel. A agonia começava. O Cura estava á cabeceira, emquanto a Irmã da Caridade, com a cabeça entre as mãos rezava ao pé do leito.

O velho difficilmente respirava, e seu olhar já sem brilho em vão buscava o capitão de Lormay e o commandante Coulomb.

De repente pareceu renascer á vida, e ergueu-se por um supremo esforço; lançando um olhar para a Irmã de Caridade, quiz fallar... mas seus labios apenas pronunciaram estas palavras: *Nossas campanhas.*

Sua cabeça caiu sobre a almofada; a espada e as condecorações rodaram pelo chão, emquanto que o crucifixo ficou sobre o peito do defuncto.

General Ambert.

O rosal de Jesus

O que tem Jesus no coração? — perguntava a sua mãe Luizinho, com os olhos fitos n'um bello quadro do Salvador.

— Sim, meu filho; aquelle fogo em que se abraza, é isso que dizes?

— Não; aquellas silvas entretecidas com uns bicos tão compridos, que mettem medo.

— A corôa de espinhos, que tem sobre o coração?

— Sim, minha mãe; mas não lh'a puzeram os judeus na cabeça? para que a tem então sobre o coração?

— Porque no coração a trazia já antes de lh'a pôrem na cabeça.

— Pobre Jesus! espinhos na cabeça e espinhos no coração!

— Sim, meu filho; espinhos na cabeça e espinhos no coração; os da cabeça atormentaram-n'o algumas horas, mas os do coração pungiram-lh'o toda a vida.

— Mesmo em pequenino?

— Pequenino ainda; mais pequeno do que tu.

— Pobre Jesus quanto não devia chorar!

— Chorar não, porque Jesus era muito paciente; estava sempre triste, e nunca brincava.

— Nunca, mesmo nunca? — perguntou Luizinho, a quem parecia impossivel que um menino não brincasse.

— Nunca; só algumas vezes acompanhava com os outros meninos. Perto de sua casa havia um lindo rosal, que Jesus regava muitas vezes com uma pequena enfusa, que sua mãe lhe havia dado. Ao pé do rosal se sentava Jesus com seus pequeninos companheiros, e emquanto estes colhiam rosas, e as iam deitar no regaço de Jesus, Elle, tirando cuidadosamente os espinhos fazia corôas de rosas para os outros meninos, guardando os espinhos para si.

— E pregava-os em seu coração?

— Não; com elles fazia tambem uma corôa, que punha em sua cabeça, e fazia-o sorrindo, porque essa corôa, como havia de salvar a muitos homens, era suavisada pelo amor.

Mas em frente d'este rosal, continuou a mãe, havia um outro que tinha muitas rosas e apparentemente sem espinhos; tinham a principio uma côr muito viva e enganavam por isso a muitos meninos, que, indo colher aquellas rosas, picavam suas mãos, e as rosas ficavam pallidas e murchas, levando-as logo o vento como se fôssem pó. E o peor era que estes meninos ficavam doentes, e morriam depois. De cada vez que algum menino se avisinhava d'este maldito rosal Jesus se punha triste; e se chegavam a colher-se as rosas, então Jesus levava a mão ao peito como se algo lhe doesse alli. Era um espinho que se cravava em seu coração.

— E quem eram esses meninos tão doidos, redarguiu Luizinho, admirado de que quizessem morrer.

— Esses meninos doidos meu filho são os homens que vão a colher as flôres do mundo. Attrahidos pela perspectiva dos prazeres mundanos, não julgam que n'elles se escondem espinhos traidores; colhem as flôres, que logo murcham, e sua pobre alma morre; e os espinhos ficam pregados no coração de Jesus. Queres tu, meu filho, colher d'estas rosas?

— Não minha mãe, não; quero rosas do rosal de Jesus.

— Pois bem; escuta-me. Entre os meninos que iam ao rosal de Jesus havia alguns, que lhe queriam muitissimo. Certo dia um d'elles, vêndo que Jesus dava aos outros meninos corôas de rosas, e ficava para si com a de espinhos, disse-lhe:

«Jesus, queres dar-me uma corôa como a tua?» Jesus sem responder, sorriu, e começou a fazer para aquelle menino uma corôa de espinhos, que tirava não sei d'onde.

O menino ao vêr tantos espinhos, e tão grandes, se atemorisou, e quasi se arrependeu de haver querido; mas Jesus o olhou tão dôcemente que elle a deixou pôr.

— E não lhe picavam os espinhos?

— A principio pareceu-lhe isso, mas sentiu logo tanta doçura, e suavidade, que estava mais contente com sua corôa de espinhos, que os outros meninos com a de rosas. E com razão, porque aquelles espinhos se haviam convertido nas rosas mais bellas do rosal. Desde então aquelle menino pedia sempre corôa de espinhos, e Jesus lhe dizia ao ouvido baixinho: «Estes espinhos tiro-os do meu coração».

— Ahi está porque não lhe picavam, disse Luizinho. Se já tinham passado pelo coração de Jesus!

— Dizes bem, meu filho. Quando os espinhos têem passado pelo coração de Jesus, quem os não ha de encontrar dôces e suaves? Já vês então, meu filho; os peccadores puzeram esta corôa no coração de Jesus; queres tu pôr-lhe novos espinhos?

— Não minha mãe, isso não.

— Queres, pois, rosas do rosal de Jesus?

— Rosas e espinhos.

— Se alliviares o coração de Jesus de um só espinho, bemdicto sejas uma e mil vezes, meu Luizinho, filho do meu coração.

R. B.

CULTO DE S. ANTONIO

Novos membros da Pia União. — Fôram inscriptos até 10 d'abril :

Patriarchado de Lisboa		8
Moreiras Grandes	8	
Arcebispado de Braga		158
Chaves	158	
Diocese do Porto		107
Porto	34	
Felgueiras-Macieira	45	
Vallongo	1	
Nogueira do Cravo	3	
Gaya	2	
Rio Tinto	6	
Arouca	4	
Foz	1	
Mouriz	4	
Olival	7	
Bispado de Bragança	34	
Bragança	10	
Vinhaes	24	
Diocese de Angra		22
Santa Cruz	22	
Diocese de Gôa		1
Pangim	1	
Varias partes		185
Associados do numero passado	127:960	
Total dos associados	128:475	

Um appêllo aos amigos de S. Antonio

Pede-se a todos os corações amantes da nossa divina Religião uma esmola para auxiliar a construcção da nova egreja parochial da freguezia de S. Matheus da Ilha Terceira, nos Acôres, e que não tem outros recursos senão a caridade dos fieis.

O glorioso S. José, protector d'esta santa obra, que é de urgente necessidade, a todos recompensará.

Cosme Faber	4$500
D. T. J. V. Granja	200

(O snr. Thesoureiro da «Voz» encarrega-se de receber qualquer offerta).

BRAGA

No mez de março fôram recebidas 65 petições e 21 cartas de acção de graças. Total 86 cartas.

GRAÇAS A SANTO ANTONIO

— Meu glorioso S. Antonio. Com grande reconhecimento, venho-vos agradecer, meu glorioso Santo, o favor que me dispensastes, concedendo-me o que eu vos pedi ; então venho cumprir a minha promessa, que foi de publicar a graça que me concedestes e enviar-vos 1$000 réis para o Pão dos vossos pobrezinhos, e juntamente agradecer-vol-a. Peço-vos que me não desampareis, concedei-me aquella graça que sabeis, se fôr para maior gloria de Nosso Senhor e salvação de minha alma Peço-vos tambem aquella outra graça que sabeis. Se nenhuma d'estas graças fôr para maior gloria de Deus e salvação de minha alma, então concedei-me o que melhor fôr. Não me desampareis, meu querido Santo, no momento de minha morte, para que, depois de ter servido o vosso e meu Jesus, para sempre possa gozar no céo, e juntamente com todos os bemaventurados, entoar louvores por toda a eternidade a Jesus. — Uma vossa afilhada e indigna serva *S. R. M.* — Porto 18—2—99.

— Meu glorioso protector e padrinho S. Antonio. Com grande alegria venho cumprir a promessa que vos fiz, meu querido santinho. Prometti de publicar a graça que me concedestes e 1$000 réis para o Pão dos vossos pobrezinhos, no caso de m'a concederdes. Venho pois, cheia de contentamento, publical-a e agradecer-vol-a muito reconhecido e enviar-vos os 1$000 réis que vos prometti para o Pão dos vossos pobrezinhos. Oh meu querido Santo, continuae a derramar sobre mim as vossas graças, para que eu jámais tenha a desdita de me separar do meu divino Jesus pelo peccado. Alcançae-me a graça d'uma boa e santa morte, e depois d'ella o paraizo. Abençoae agora por quem sois a minha querida mamã, a minha querida tia e mais familia e a mim, meu querido padrinho, abençoae-me tambem. — *Uma vossa devota e afilhada.*

— Em agradecimento a S. Antonio por um objecto perdido e achado 1$000 réis.—*M. J. T. P.*

— 300 réis para os pobrezinhos de S. Antonio por duas graças recebidas de Nosso Senhor por intercessão do Grande Santo. Braga, 28-2-99.

— Meu querido S. Antonio. Ahi vos mando 200 réis para o Pão dos vossos pobres e em agradecimento do beneficio que me fizestes em me sarar um animal e por outras graças que de vós recebi. Prometto de vos mandar outra esmola, se me sarardes dous porquinhos que estão doentes e se permittirdes que não dê a molestia em mais nenhum. — Traz-os-Montes 28-2 99. — *Uma vossa devota.*

— Meu querido S. Antonio. Mil vezes vos agradeço a graça que me fizestes em eu ter ficado approvado no meu exame de instrucção primaria. Remetto-vos 500 réis para o Pão dos vossos pobrezinhos como vos prometti, e peço-vos que me perdoeis, o não ter cumprido ha mais tempo a minha promessa. Meu querido santinho, pelo amor de Jesus vos peço que sejaes sempre meu protector. — Vosso devoto — *J. C.*

— Meu glorioso e querido padrinho S. Antonio. E' com a maior alegria que eu venho cumprir a minha promessa, meu querido Santo. Prometti-vos 1$000 réis para o pão dos vossos pobrezinhos e publicar o favor que me concedestes, de me alcançardes a graça que eu desejava ; em vista de vós me attenderdes, meu querido padrinho, venho cumprir a minha promessa, com grande satisfação. Agradeço-vos a graça que concedestes e peço-vos que me ajudeis sempre em tudo e sobretudo na hora da minha morte. Protegei toda a minha familia e concedei-me aquella graça que sabeis, eu desejo, e agora abençoae a vossa devota e afilhada — *L.*

— Bemdito e milagroso S. Antonio. Venho hoje profundamente reconhecida, agradecer-vos a grande graça, que concedestes, de me arrebentar, n'uma terça-feira, conforme vos pedi, um panaricio que tive n'um dedo, evitando-me assim as dôres de segundo golpe, pois já tinha levado um, e tambem o apparecimento de um botão de ouro, que se tinha perdido, e um gallo que tinham roubado e que logo, que recorreram a vós, appareceu; o que tudo vos agradeço, e já mandei para o pão dos vossos pobres, 240 réis, que vos prometti por tudo; agora peço-vos que acabeis a vossa obra, fazendo, que o dedo não fique com defeito, que me impossibilite de trabalhar. Agradeço-vos tambem uma graça espiritual que obtive e que por mais de uma vez vos havia pedido. — *Uma associada da Pia União de Villa Nova de Gaya.* 19-3-99.

— Meu glorioso S. Antonio. Eu vos dou infinitas graças pelos muitos beneficios recebidos, e á vossa protecção imploro remedio para todos os meus males, caridade para as minhas faltas e miserias e que auxilieis o meu irmão nos seus desejos, chegando a conseguir vir d'onde está. Envio-vos meu Santo protector 500 réis, sendo n'esta conta a minha mensalidade para vossos pobrezinhos, e para o mesmo fim, o que sobra, por me terdes conseguido não ter grande prejuizo no dinheiro que recebi. — Uma vossa devota — *V. X.* 16-3-99.

— Meu glorioso S. Antonio. Eu vos agradeço o beneficio que vos pedi, e cumpro o que vos prometti, fructo da nossa sociedade. O que vos peço pelo amor de Jesus e Maria, é que continueis a proteger-me, para meu allivio e soccorro dos vossos pobrezinhos. — *Vosso devoto.*

— Meu bom S. Antonio. Prometti-vos uma missa no vosso altar e 1$000 réis para o pão dos vossos probrezinhos se vos dignasseis conceder a graça de minha filhinha, quando doente, não ter o garrotilho nem outra doença de fataes consequencias. Como ouvistes as minhas supplicas, venho hoje cumprir o promettido. Agradecido, mil vezes agradecido, meu bom Santo. Continuae sempre a favorecer-nos com a vossa protecção. — O vosso humilde servo — *A. S. R.*

— Meu querido S. Antonio. Cheia de reconhecimento venho agradecer-vos do coração e enviar-vos a esmola de 100 réis para os vossos pobrezinhos. Perdoae-me, meu milagroso Santo, de me demorar em cumprir a vossa promessa. Venho publicar, como vos prometti, no vosso jornal a *Voz* a graça que me concedestes, deparando-me um objecto que perdi e que tinha em muita estimação. Continuae a proteger-me meu querido Santo, valei-me em todas as afflicções e serei sempre vossa devota. 19-3-99.

— Meu querido S. Antonio. Venho entregar-vos a quantia de 12$780 réis, que vos devia de promessas que vos havia feito, o qual beneficio vos agradeço muito reconhecido. Bem sabeis que tenho reservada para vós a quantia de 10$500 réis, aguardando a occasião de vos ser devida, como espero, pois conto com a vossa indispensavel protecção a tal respeito, como dos outros negocios que vos tenho confiado e continuo a confiar, como é licito; e crêde-me, que se eu conseguir por vossa intercessão, como espero, vencer as minhas difficuldades financeiras, eu me lembrarei, tanto quanto possa, dos vossos pobrezinhos. Vós bem sabeis que eu não costumo ser ingrato, e o meu pedido é muito justo. — Sou vosso devoto — *M. F.* — Barcellos 7-3-99.

— Meu grande e milagroso S. Antonio. Venho testimunhar-vos a minha gratidão, meu querido Santo e ao mesmo tempo cumprir o que prometti. Quando eu desejava a graça que me concedestes, prometti dar-vos 1$000 réis para o Pão dos vossos pobrezinhos e juntamente publicar a graça que vos pedi, no caso de m'a concederdes. Venho pois hoje muito alegre e satisfeita cumprir a minha promessa. Envio-vos então os 1$000 réis para o Pão dos vossos pobrezinhos e publico a graça, fazendo sciente a todos que lêrem esta carta, que S. Antonio se dignou ouvir-me. Muito, muito vos agradeço, meu querido Santo, o terdes-me ouvido e peço-vos que me ampareis em todas as minhas necessidades e abençoae a vossa afilhada e indigna serva. — *L.*

— Meu glorioso e grande S. Antonio. Venho agradecer-vos e entregar o que vos prometti em acção de graças pela cura do meu filho, e pelo grande beneficio que me fizestes, sendo eu diligente em dar-vos a esmola que prometti. Muito reconhecido entrego-vos pois 500 réis para o Pão dos vossos pobrezinhos, pedindo-vos tambem, não esqueçaes ser meu protector na vida e na morte. Este milagre foi feito desde o dia 15 de dezembro até ao dia 19 de março de 1899. — *A. J. de M.*

— Meu glorioso e querido padrinho S. Antonio. Cheia de gratidão, meu querido Santo, venho agradecer-vos o favor que dignastes conceder-me, apezar da minha indignidade, e cumprir a minha promessa. Prometti-vos 1$000 réis para o Pão dos vossos pobrezinhos e publicar a graça que vos pedi, se m'a concedesseis. Então, cheia de reconhecimento, venho entregar-vos os 1$000 réis para o Pão dos vossos pobrezinhos, e juntamente publicar esta graça que me concedestes, e agradecer-vol-a muito penhorada. Continuae, meu querido Santo, a proteger-me durante esta vida, ajudae-me nos meus estudos, protegei toda a minha familia e abençoae-nos a todos. Dignae-vos ouvir-me e abençoar a vossa indigna afilhada e serva. — *L.*

— Para o Pão dos pobrezinhos 2$000 réis. Por intenção de A. Peixoto e J. M. Gonçalves. — Braga 22-3-99. — *A. C.*

— Meu milagroso Santo. Envio-vos 500 réis para o Pão de vossos pobrezinhos, pedindo-vos, meu querido Santo, que me façaes o que vos peço. Attendei, bondoso Santo, a minha humilde petição; se a attenderdes e me fizerdes o que vos peço, fico-vos dando para sempre 6$000 réis por anno para o pão de vossos pobrezinhos. — *Uma vossa devota.* — Portalegre.

— Meu milagroso Santo. Envio-vos 800 réis, sendo 300 réis em acção de graças pelo bom resultado do pedido que vos fiz e que vós me satisfizestes, e 500 réis para me fazerdes o que vos peço nas semanas que vos faço. Attendei todos os meus pedidos, e despachae as petições que vos faço, porque vós bem sabeis que satisfarei logo todas as minhas promessas. — Uma vossa fiel e constante devota. Portalegre. — *M. A. C.*

—... Snr. director da *Voz de S. Antonio.* O seminarista, Manoel de Souza Dias havendo obtido, por intercessão de S. Antonio, um mez depois do voto que lhe havia feito, a graça de se vêr

isento d'uma grande difficuldade, em que estava envolto e conjunctamente a de haver attingido um prospero exito n'um exame, que lhe parecia contrario vem mui humilde e acatadamente supplicar a V... se digne publical-a na *Voz de S. Antonio.* — *Angra.*

LISBOA

CENTRO DOS ANJOS

Não tem diminuido, mercê de Deus, mas, pelo contrario, continúa cada vez mais fervoroso o nosso humilde Centro, fazendo-se os exercicios espirituaes em todas as terças-feiras, e dando-se nas mesmas o pão aos pobrezinhos.

que tanta alegria me tem causado. Continuae a proteger-me, e muito vos agradeço, e obtende-me esta mesma graça até ao fim da minha vida. — *Uma humilde freira de S Francisco.*

— 3 A. M. por 2 urgentes necessidades espirituaes, e a victoria sobre os inimigos de Deus.

Depois de recebida a relação precedente (que se destinava ao numero passado, mas que não pôde entrar por vir muito tarde) recebemos tambem a seguinte communicação do mesmo zeloso director rev.º Padre Antonio Rodrigues Soares.

Com toda a exactidão e unicamente para honra e gloria de Deus e bem das almas, temos feito os nossos exercicios piedosos no 4.º domingo dos

O PRIMEIRO SERMÃO DE SANTO ANTONIO

O cofre do pão dos pobres rendeu no mez de fevereiro 20$215 réis, no das petições havia 15 cartas, e no das acções de graças havia 10. D'estas só mencionarei duas:

O' glorioso Santo Antonio! Aos vossos pés venho agradecer-vos o grande beneficio que me fizestes obtendo-me que apparecesse o *brinco* de minha querida filhinha sem o mais pequeno estrago. Aqui vos entrego a esmola que vos prometti para os vossos pobrezinhos. Continuae, meu bom Santo a proteger-nos.— *A. F. O. F.*

— Meu querido S. Antonio. Venho dar-vos a esmola do mez de março para os vossos pobrezinhos em cumprimento da promessa que vos fiz se alcançasse *aquella grande graça* que alcancei, e

mezes e em todas as terças-feiras de manhã e de tarde, e tencionamos fazer a nossa festa em honra do glorioso Santo no proximo mez de junho, precedida de *Trezena.*

No mez de março o cofre do pão dos pobres tinha 20$300 réis, no das cartas de petição acharam-se 20, e no das acções de graças 10. Eis algumas de

ACÇÕES DE GRAÇAS

Meu glorioso S. Antonio. Agradeço-vos do intimo d'alma o terdes despachado a minha petição; continuae a proteger-me sempre e a todos que recorrem a vós pedindo o vosso auxilio. Envio-vos 1$000 réis. *Vossa devota.* — *Maria.*

— Meu querido S. Antonio. Venho reconhecida dar-vos a quantia do mez de abril para os vossos pobrezinhos por um grande beneficio recebido: por amor de Jesus e Maria tornae-me humilde, fervorosa, obediente e pura. — *Uma filha de S. Francisco.*

— Bom Santo Antonio. Eu vos agradeço a caridade que usastes para commigo attendendo aos meus rogos que vos fiz em favor d'aquelles meus sobrinhos que viviam, como sabeis, fóra da graça de Deus. Agora estão em paz e santa união, vos offereço 4$500 réis para o pão dos vossos pobrezinhos como vos tinha promettido. — *Uma associada.*

— Meu querido S. Antonio. Dou-vos graças por me terdes feito apparecer o canario que ha oito dias havia fugido. Ahi vos mando 100 réis para o pão dos vossos pobrezinhos. Pedi ao Senhor por nós. — *Uma filha de S. Francisco.*

— Meu glorioso S. Antonio. Ahi vos entrego 200 réis para o pão dos vossos pobres como vos prometti se durante estes oito dias me desapparecesse o caroço que já me dava cuidado; felizmente já me parece que estou curada. Sêde sempre meu protector.—*Uma zeladora da Pia União.*

— Falleceram 3 associados da Pia União, e roga-se o favor de fazerem por elles os suffragios do costume, *uma Missa, uma Communhão e um Terço do Rosario.* Pede-se orações por 2 grandes necessidades. — *Padre Director.*

SETUBAL

Continúa a distribuição mensal do pão de S. Antonio, com pratica aos fieis.

No mez de março o rendimento da caixa foi de 10$000 réis.

Encontraram-se 28 cartas sendo 20 pedindo graças a S. Antonio e 8 agradecendo beneficios recebidos.

Eis a copia d'algumas:

Glorioso e milagroso S. Antonio. Acudi com o vosso poderoso auxilio a duas almas atribuladas, que de vós esperam e supplicam com lagrimas sinceras, conforto e remedio para o grande mal que as affligе: não as abandoneis milagroso Santo e concedei-lhes a graça que incessantemente vos pedem. Se fôrem attendidas promettem uma esmola para o pão dos vossos pobrezinhos.—*X. X.*

— Meu querido Santo. Peço-vos que alcanceis as melhoras de minha mulher Dar-vos-hei 20 pães para os vossos pobres.

— Meu glorioso S. Antonio. Peço-vos que me dês paz na minha familia para honra e gloria de N. Senhor. Prometto-vos mandar dizer uma missa e dar alguma cousa para o pão dos pobres.

ACÇÕES DE GRAÇAS

Meu querido e milagroso S. Antonio, de todo o coração vos agradeço a graça que me fizestes de attender ao meu pedido, (ainda antes de o ter feito por escripto). Envio-vos 500 réis para o pão dos vossos pobrezinhos, de quem não me esquecerei se continuardes a proteger-me como vos peço.

— Agradeço-vos, querido S. Antonio o alcançardes as melhoras de minha mulher e por tão grande graça dou 20 pães para os vossos pobrezinhos.

— Querido e milagroso S. Antonio, do intimo d'alma vos agradecemos a graça que nos fizestes de alcançar de Jesus Menino e de Maria Santissima, allivio á nossa afflicção moral, embora o nosso coração não esteja de todo satisfeito, pois que ha inimigos que nos perseguem e tanto nos fazem soffrer... Comtudo, glorioso Santo, esperamos e confiamos na vossa valiosa protecção, que nos defendereis e protegereis, como humildemente vos pedimos. Offerecemos 1$000 réis para o pão dos vossos pobrezinhos.

GUIMARÃES

(COLLEGIO DE S. DAMASO)

O *Collegio*, quinzenario onde collaboram quasi exclusivamente os alumnos d'aquelle importantissimo estabelecimento de educação, insére a seguinte noticia:

O pão de S. Antonio caiu em bom terreno. Tem-se feito a distribuição mensal aos pobres da freguezia, com assistencia de toda a communidade; assim se lhes vão abalando os bons sentimentos que desabrocham em actos de benemerencia. A caixa do *Pão de Santo Antonio*, que para estar á mão, foi collocada n'um dos sitios mais frequentados do Collegio, sabe o segredo de muita mão direita que se desaperta em liberalidades caridosas, furtando-as á espionagem linguarcira da esquerda. E' assim que vale a esmola, limpa d'esses fumozitos da vaidade ostentosa que até as obras de caridade desfigura.

VIZEU

O Pão de Santo Antonio (*fevereiro*)

RECEITA

Saldo do ultimo mez.....	9$435
Esmola de um anonymo.....	1$000
Anonymo.....	1$000
Esmolas encontradas na caixa..	3$700
Somma.....	15$135

DESPEZA

Distribuição de pão no dia 7 a 119 pobres	4$740
Distribuição de pão no dia 19 a 118 pobres	4$735
Somma.....	9$475
Saldo.....	5$660
	15$135

Seminario de Vizeu, 28 de fevereiro de 1899.

O presidente — *Antonio Marques de Figueiredo*
O secretario — *Antonio José Marques*
O thesoureiro — *Antonio Cardoso da Silva.*

CEZIMBRA

No dia 1 de janeiro do corrente anno foi estabelecida a *Pia União* e *Pão dos Pobres* na villa de Cezimbra.

Foi mais um dia de festa para aquelle bom povo, que tanto se distingue pela sua piedade e pela sua fé!

Ha muito que desejavam alli a *Pia União* e o *Pão de S. Antonio*, mas só no 1.º de janeiro viram realisados os seus desejos.

A festa celebrou-se na egreja da Misericordia, onde ficou estabelecida a *Pia União*.

Pelas 11 horas houve missa cantada e sermão ao Evangelho. De tarde ladainha, sermão e Te-Deum.

No dia 2, missa no altar do Santo, pratica e primeira distribuição de pão a 240 pobres!

Foi installador e prégador um dos nossos padres de Brancannes (Setubal).

Afim de coadjuvar o rev.º director foi nomeada uma commissão protectora, que se torna já digna de louvor pelo muito zêlo e boa vontade que tem empregado em honra de S. Antonio e proveito dos pobrezinhos.

A commissão ficou composta das Ex.mas Snr.as:

Presidente—*D. Conceição Braz Caldeira*
Vice-presidente—*D. Maria Amalia Braz Rumina*
Thesoureira—*D. Clotilde Barbosa da Silva*
Secretaria—*D. Conceição Fernandes Peixoto*
Conselheiras—*D. Amelia Preto Frade*
—*D. Maria do Carmo C. Oliveira*
—*D. Arminda Roquette*
—*D. Delmina Pereira Loureiro.*

Além d'esta illustre commissão ha dois nomes que não pódem, nem devem ficar esquecidos e são os do M. R. P. Prior do Castello e o ex.mo snr. José Joaquim da Luz Rumina. Este foi o iniciador...

Aquelle, com a sua palavra cheia de unc̃ção e verdadeiramemte apostolica é o que desinteressadamente, todos os mezes, tem narrado a um auditorio sempre crescente, as virtudes de S. Antonio e o amor que este sempre teve pelos pobrezinhos...

VILLAR (CADAVAL)

Desde 4 de julho de 1898 até á data de 5 de março do anno corrente rendeu o cofre a quantia de 37$675 réis.

Deram-se as seguintes esmolas aos pobres:

Da primeira vez.....	4$240
Da segunda.....	5$600
Da terceira.....	6$160
Somma...	16$000

GRAÇAS A SANTO ANTONIO

Meu glorioso Santo Antonio. Envio-vos 500 réis para o pão dos vossos pobrezinhos, que eu vos prometti se me concedesseis a graça de que a minha mana durante este anno que finda no dia 8 de março não tivesse mais nenhum abscesso, que mandaria publicar e por isso o faço hoje, esperando que me concedeis a mesma graça d'aqui em diante, tambem vos peço que me despacheis uma graça que vos peço mais, se eu a obtiver e não tiver de gastar com a justiça eu vos enviarei uma esmola. Peço-vos não vos esqueçaes d'esta vossa devota. *Torres Vedras.* — *A. H. L.*

— Meu glorioso S. Antonio. Venho entregar-vos a esmolinha que vos prometti para os vossos pobres, em testimunho do meu agradecimento pela graça que me fizestes. — *M. E.*

— Meu querido e glorioso S. Antonio de Lisboa. Agradeço-vos a graça que por vossa intercessão obtive de Deus de eu entrar no convento no fim d'este anno. Fazei, meu querido Santo, que eu seja uma boa serva de Jesus e Maria; que eu alcance a humildade e verdadeira obediencia.

Ahi vos remetto 100 réis para o pão dos vossos pobrezinhos. Não vos esqueçaes de mim, com a vossa protecção — *Uma vossa devota. M. B. R.*

— Meu glorioso S. Antonio. Cheios do maior reconhecimento vimos hoje agradecer-vos a graça que nos alcançastes de Jesus e Maria. E é que achando-me na maior afflicção com uma dôr horrivel e contando já com os ultimos instantes — eu, minha mulher e meus filhos recorremos a vós, e vós ouvistes as nossas supplicas.

O' meu querido Santo, vós bem sabeis, que se eu morresse minha mulher ficaria entregue ao triste estado da viuvez e meus filhos orphansinhos, e talvez que muitas vezes sem um boccadinho de pão; e eu quem sabe se minha alma estaria preparada para comparecer na presença de Deus e dar-lhe contas de minha vida. Mas vós que sois o protector dos pobres olhastes para a miseria em que se podia encontrar minha mulher e meus filhos e muito principalmente a minha pobre alma porque esta, uma vez perdida, perdido tinha eu tudo para sempre. Por isso em signal de gratidão, prostrados aos vossos pés vos damos infinitas graças e lançamos na caixa 1$300 réis para os vossos pobrezinhos e vos pedimos que nos ampareis e nos livreis sempre do peccado e que por vossa interceção nos juntemos todos no reino do céo, louvando a N. Senhor por toda a eternidade. — *Palhaes.*

— Meu querido S. Antonio. Eu vos envio 1$000 réis para o pão dos vossos pobres pelas graças que me concedestes muito vos agradeço meu querido Santo. — *Um seu devoto.*

— Meu glorioso S. Antonio. Eu vos envio 200 réis para o pão dos vossos pobrezinhos pela graça que me fizestes de sarar aquella pessoa por quem vos tinha pedido. Agora, meu querido Santo, da minha alma vos peço, que me façaes outra graça, que a cureis da enfermidade da alma, assim como curastes da enfermidade do corpo, e vos prometto igual quantia para que elle se converta e se confesse mais vezes a miudo. Assim o espero, meu glorioso Santo..

— Meu glorioso S. Antonio. Agradeço-vos, muito reconhecida a grande esmola, que me fizestes de melhorar o meu filho, e vos deixo a esmola, como vos tinha promettido conforme minhas posses, e peço-vos pelo amor de Deus que me ajudeis sempre em todas as minhas necessidades, e que protejaes sempre toda a minha familia nas suas afflicções pelo amor do Sagrado Coração de Jesus. *Uma serva vossa.* — *M.*

— Meu glorioso S. Antonio. Venho hoje agradecer-vos o grande favor, que me fizestes, vós sabeis qual foi... — *Uma serva vossa.*

VINHAES

GRAÇAS A SANTO ANTONIO

Santo Antonio, ouvistes o meu pedido; em agradecimento por tão grande beneficio, ahi vos envio 500 réis para os vossos pobrezinhos. Peço-